

Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃO

Redação, Administração e oficinas—R. do Seculo, 43—Lisboa

ATRIBULAÇÕES



—Não vaes a banhos de mar?
—Disse o doutor que não fosse
E aconselhou-me a tomar
Banhos sim, mas d'água doce.

—E depois—Depois, não vou
Sigo o conselho... Que vida!
Com o preço a que chegou.
O, assucre, estou bem servida!



PALESTRA AMENA

Depois da guerra

Alguns paizes de pequena importancia comparada com a do nosso—a Inglaterra e os Estados Unidos, por exemplo, que ainda hão de comer muito sal primeiro que, em juizo, cheguem aos calcanhares de Portugal—estão a toda a força providenciando industrial e commercialmente para depois da guerra, enquanto que nós nos preocupamos, e não muito, apenas com a hora presente, por aquele sabio dizer portuguez que reza assim:

«Quem vier atrás, que feche a porta».

Naturalmente, não vamos agora, miseros escrevinhadores como somos, aconselhar os olimpicos governantes a cujos ouvidos nunca chegaria o nosso zumbir de mosquitos; eles sabem muito bem o que fazem e nem lhes sobra tempo para lerem o que lá fóra se pratica. Mas como não é ilicito comparar e devanear desculpem-nos a ousadia de julgarmos que os estadistas dos paizes citados não são tolos de todo e a de supormos que medidas analogas entre nós não seriam de depreciar.

De ellas resulta um principio: cada qual, de futuro, procurará governar-se com a prata da casa, isto é, não recorrer ao estrangeiro, sobretudo no que respeita ao que é indispensavel á vida. Será asneira, será—mas parece-nos que se tivéssemos mais terrenos apropriados para sementeiras de trigo, em vez de vinhas, se cedéssemos a extranhos o nosso açucar colonial só quando o mercado interno estivesse abastecido abundantemente, se se legislasse de modo a aproveitarmos os riquissimos jazigos de petroleo de Timor e mesmo alguns que possuímos no continente, era muito possivel que em occasião de guerra nos não escasseiasse o pão, nem o açucar, nem o petroleo...

Isto, é claro, não passa de simples fantasia, da qual nos penitenciamos desde já. A taes maluqueiras responderão as pessoas ajuizadas que a tudo o homem se habitua, até a não comer pão nem coisas doces, ou a trabalhar ás escuras, e que o prejudicial seria faltar ás touradas e ao animatografo, não ouvir aos domingos a musica na Avenida e principalmente não discutir as belezas do democratismo, do evolucionismo e do unionismo. Teem essas pessoas carradas de razão, embora pareçam que não teem filhos, visto que estes é que hão-de pagar as favas, se nos é permitida esta inocente referencia ás subsistencias publicas. Hão-de paga-las, se tiverem com que e hão-de provavelmente mandar os paes ás ditas, com o que elles nada se importarão por já não serem d'este mundo.

Nós imitamos aqueles patetas dos inglezes e dos americanos, tinha a sua graça, o desconhavo!

J. Neutral.

O PÃO DE OEIRAS

Tenham a bondade de ler o seguinte aviso que foi afixado em varios estabelecimentos de Oeiras:

«Pão de excremento.—Atenção.—Tendo o administrador d'este concelho enviado á analise uma amostra de farinha para pão fino a \$42 o quilo, recebeu a seguinte resposta: A farinha tem excremento de insecto (porcaria



ainda alterada), muita casca de cereaes, etc.»

Quem nos dera viver em Oeiras, para comermos excremento de insecto, porque aqui, em Lisboa, comemo-lo mas é de animaes superiores! Depois, ha que admirar os industriaes de Oeiras, pelo afanoso trabalho a que se entregam, aproveitando os excrementos de insectos. Não nos diz o analista se os ditos insectos são môscas; mas imaginemos que sim: que quantidades de borradelas de môscas são necessarias para que se possam observar quimicamente n'um pão!

Os nossos elogios aos ditos industriaes e ao analista. Aos industriaes, pelo que deixamos exposto; ao analista, pelos prodigios quimicos que deve ter efetuado a fim de distinguir o excremento de insecto do de outro qualquer animal.

Em conclusão: o sr. administrador do concelho, com o seu aviso, o que fez foi um excelente reclamo ao pão de Oeiras que, pelo visto, é do mais innocente que se vende no paiz. Onde ha af boca que não tenha comido uma pintinha de mosca?

Livros, Livrinhos e Livrecos

Soldado que vaes á guerra, por Antonio Corrêa de Oliveira.—Este poeta não escreve senão obras primas. A que temos á vista é mais um primor que nos envaidece, por possuímos artista de tal envergadura. Como sempre, Corrêa de Oliveira, é simples no seu novo poemeto, desartificiozo e rico de inspiração; não tem n'esses lindos versos a menor inutilidade, coisa de que poucos profissioaes podem gabar-se.

O Teatro—Saiu o n.º 5 d'esta bela publicação, cada vez mais interessante. É brilhantemente colaborada e de aspecto luxuoso, revelando o bom gosto de quem a dirige e ao mesmo tempo a sua coragem, em vista dos tempos bichudos que atravessamos.

Um illustre literato e historiador, que assina com o pseudonimo *Rubens*, acaba de demonstrar n'uma serie de artigos publicados no *Seculo*, edição da noite, que não só o Brazil não foi descoberto em 3 de maio mas tambem que antes de Pedro Alvares Cabral ou-trem ali tocára: um, pelo menos, chamado Duarte Pacheco.

Porque é que tudo isto interessa sobremaneira aos portuguezes e particularmente aos empregados publicos, que são a maioria dos portuguezes? Porque a descoberta do Brazil é justo pretexto para um feriado, até agora decretado pa ra 3 de maio. Em vista, porém, das considerações de *Rubens* e para conciliar todas as opiniões lembramos ao governo a conveniencia de decretar tres feriados pelo menos: o dia 3 de Maio, porque já estamos habituados a ele, o 22 d'Abril, porque na verdade foi n'esse dia que o Cabral chegou ao Brazil e o da data em que o Duarte Pacheco fez a descoberta.

Governo que tal faça tem as eleições certissimas.

A defesa da Holanda

Quem se está a rir com as ameaças da Alemanha e dos Estados Unidos, é a Holanda e quem imaginar que ela se preocupa com a possivel invasão alemã está muito longe de conhecer os recursos holandezes.

D'esta vez os amigos *boches* apanham para o seu tabaco, apezar de todo o poderio de que possam ainda dispor. Não que a Holanda lhes seja superior em numero de soldados ou em munições, mas porque certo inventor holandez apresentou ha dias ao seu governo um plano infalivel para vencer os invasores.

E' o seguinte, segundo nos conta o nosso solícito correspondente em Haya:

«A Holanda não fará um unico mo-



mento para se opôr á invasão. Estabelecerá apenas nos sitios por onde ella provavelmente se realizará, numerosos depositos dos seus afamados queijos. Os alemães entram á vontade e como não encontram a minima resistencia e estão esfomeadissimos, atiram-se immediatamente aos queijos. O que acontece a quem come muito queijo? Esquece-se. Logo, os invasores esquecem-se do motivo que ali os levou e voltarão para traz, envergonhados da sua ação».

Não diz o correspondente (que é primo do nosso *Manecas*) se os homens regressam a correr ou devagar, mas é possivel que a retirada seja veloz, porque na Holanda não lhes falta sebo para darem nos *butes*.



Cartazes eleitoraes

A literatura nacional expandiu-se larga e brilhantemente, pelas paredes, nas eleições de domingo passado: literatura sóbria, sim, em idéas e em gramática, mas demostenicamente convincente.

Um dos cartazes, porém, excedeu todos os parceiros e foi o da Juventude monarquica; resava assim:

Votae nos monarquicos e tereis batatas e pão.

Não promete os *circenses*, como na velha Roma, mas lá está o pão a emrelhar a Juventude com os imperadores.

Os restantes partidos tambem não fizeram má figura, quanto a cartazes, mas não demonstraram o talento que brotam nas jovens mioleiras monarquicas. Estas é que feriram a nota certa, que ha de ficar como modelo para futuras eleições. Modelo, apenas, porque bem se comprehende que haja

VOTAI NOS MONARQUICOS E TEREIS BATATA E PÃO
A JUVENTUDE MONARQUICA



muitos eleitores que não se contentem com batatas e pão; assim, aí vae uma serie de cartazes que satisfarão os mais exigentes:

Votae no partido X, e tereis lindas mulheres a menos de rial.

A' urna pelo partido J e nunca mais pagareis renda de casa.

A quem dormir mal recomendam-se os colchões d'arame e a lista do partido Z.

Só tem sífilis quem quer! Votar no partido A é um depurativo infalível contra esse terrível mal.

Contra a anarquia não ha nada como votar no partido U, e comprar botas no celebre Candeias do Intendente.

E' o genero. Dentro d'ele cabe uma variedade infinita.

EM FOCO



As papoulas

Papoulas são sorrisos e tormentos,
Amôr que em toda a parte se adivinha;
Tanto nascem na agrura duma vinha
Como em torrões de olhalva, sumarentos.

Tremem de gozo, corações sangrentos,
Se a aragem brandamente as acarinha
É quando o vento forte remoinha
Gozam tambem nos proprios sofrimentos.

São corações do sangue esbrazeados
A brotar das arterias palpitantes
Que a travessam a terra lado a lado;

É erguem-se ás mil, ardentes, provocantes,
Chamando ao leito no fecundo prado,
Ébrias de vida, os corpos dos amantes.

BELMIRO.

Os doidos

Tendo-se averiguado que o numero de doidos em Portugal é enorme, tão grande que eles já não cabem nos hospitaes, resolveu-se adaptar o convento de Mafra a manicómio.

Na nossa opinião nada ou pouco se remediará; trata-se d'um paliativo, como sempre que entre nós se aponta um mal, sem coragem para aplicar o remedio radical. Transforma-se o convento de Mafra em manicómio;



muito bem, mas ainda ficam tantos doidos sem hospitalisação que melhor seria, a providenciar d'esse modo, não providenciar de modo algum.

Ora, raciocinemos um momento. A maioria da população é de doidos ou de ajuizados? De doidos, evidentemente. Logo o que se impõe não é isolar os doidos, mas sim os ajuizados, para que pelo contacto não percam tambem o juizo.

Em conclusão, o remedio seria escolher um edificio para isolamento dos saos e continuar a deixar os malucos

em liberdade. Assim, nem seria preciso o convento de Mafra: qualquer modesto predio de quatro ou cinco compartimentos, pequenos, chegaria para conter todos os portuguezes atilados.

A. T. T.

E' muito de louvar a Associação dos Trabalhadores de Teatro que era na verdade bem necessaria e cujo futuro se antevê desafogado. Quanto ao presente, não se apresenta mal—mas como o *Seculo Comico* foi feito para endireitar o mundo, lá vai uma observação:

Na proxima festa vejam os rapazes da Associação se escolhem coisa mais artistica do que o *Processo do Rasga*, sim? A modestia fica bem, mas não deve ser demasiada.

Torre de chifre

Chamamos a atenção da policia para os seguintes:

Versos ao meu bem

En sou o Sol, tu és a Lua, tu és Estrela
e eu sou a Terra!
Oh! meu Amor! Oh! minha Dulcinéa!
E quando te não vejo, a Terra, e o que
ela encerra
—E' a minha cadeial

Oh! meu Amor! Oh! meu bem! Queridal
Eu queria abraçar-te e te beijar!
Oh! doce, inolvidavel Margaridal
Quem me dera um vapor para ir-mos viajar!

Ah! Quem me dera ir contigo pelo arvo-
redo
Do Monte, passeiarmos sosinhos!
E de dentro, do fundo da folhagem verde
Os canarios a cantar nos ninhos!!!

Oh! que bom! que lindo! que formoso!
Oh! meu Amor! minha querida! Anjo!
Vamos a vêr, Margarida, o que é que ar-
ranjo

Para fazermos um par ditoso!

Monte (Madeira) 1918.

Augusto Borges Corrêa de Sampaio.

... e para esta harmoniosa

Harpa eolia

Eu canto a bela graça das senhoras,
Que n'este Eden do Atlantico ha.
Belas senhoras d'olhos cõr d'amoras,
Tão belas como nenhuma n'outra parte ha.

Harpa eolia chamo eu a esta colêção
De versos que escrevi para cantar
Uma senhora de lindo coração
Que ha n'esta ilha perdida no mar.

Eu canto essa linda e bela mulher,
Rainha das outras, rainha do meu ser,
O ideal mais belo e mais lindo!

Oh que mulher, oh que formosura!
Ingénua, linda, bela, pura,
Vêde como ela está sorrindo !

Funchal.

Octavio J. Santos.

MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

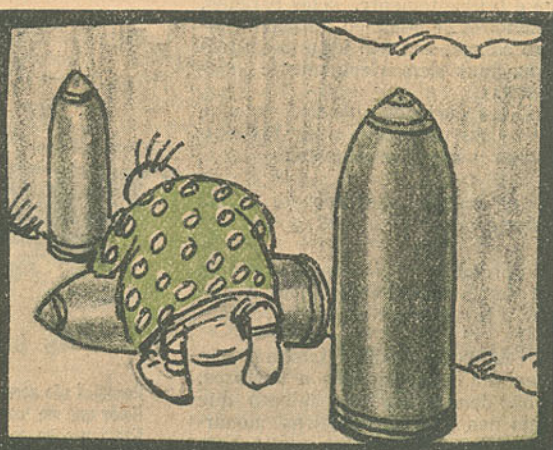
20.^a Parte2.^o Episódio

MANECAS INVENTOR

(Continuação)



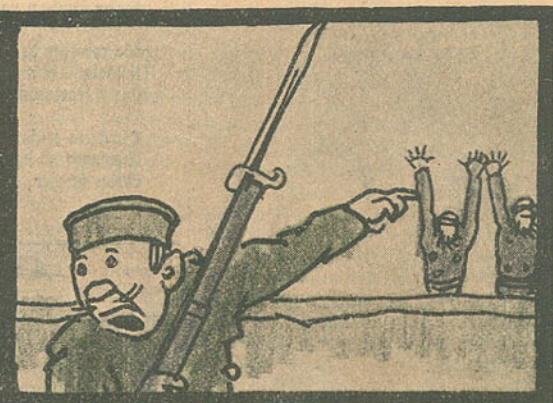
1.—O Manecas, triunfante,
Tem uma ideia genial
Que apresenta ao comandante
Das tropas de Portugal.



2.—Este aprova e mãos á obra:
Manecas, cheio de brio
Arrasta, róla, manobra
Projéteis, n'um corropio.



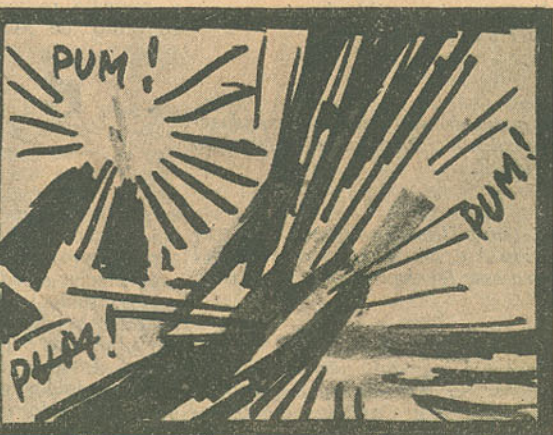
3.—E depois de mil trabalhos
Mete os supra-mencionados
Dentro d'alguns espantalhos
Que vestira de soldados.



4.—Afastado e para ver
Se realisa os seus fins
Com cordeis põe-se a mover
Os braços dos manequins.



5.—Julgam os boches que a tropa
Se lhes pretende entregar
E tudo corre e galopa
Sem nada desconfiar.



6.—De aí a quatro segundos
De toda aquela bóchada
Restavam trapos imundos,
Ossos, terra, cinza e nada.

(Continua).